

Da palavra à acção: história de um processo de conscientização de mulheres

1. INTRODUÇÃO

Em 1975 foi iniciado o Projecto de Animação Sociocultural com Mulheres Rurais, posteriormente chamado Projecto de Animação de Raparigas e Mulheres Rurais. Este Projecto foi uma iniciativa do Movimento do Graal e funcionou em várias zonas do País até ao Verão de 1983.

Neste trabalho descrevemos e analisamos a experiência na zona norte. Em Julho de 1983, o Projecto abriu a possibilidade de se vir a constituir no Norte uma associação autónoma de mulheres, MAPA (Mulheres a Preparar o Amanhã).

No espaço desta comunicação é impossível descrever e analisar a experiência do primeiro ano de funcionamento do MAPA, como foi inicialmente nossa intenção.

Assim, no capítulo 2, começamos por fazer o historial do Projecto, utilizando vários documentos do Graal.

O capítulo 3 é baseado em avaliações feitas com mulheres e raparigas que participaram no Projecto.

O capítulo 4 consiste numa reflexão teórica sobre várias questões que nos foram surgindo no espírito à medida que íamos fazendo este trabalho.

2. PROJECTO DE ANIMAÇÃO DE RAPARIGAS E MULHERES RURAIS

Através do mutismo, as mulheres furtavam-se a usar o poder da palavra. Mas, quer em meio rural, quer em outras sociedades culturalmente homogéneas, elas podem oferecer a imagem do silêncio sem que por isso se encontrem desprovidas de poder de intervenção (...)

O mutismo sociológico é (...) apenas a aparência das coisas. Por trás da aparência a realidade é outra. Quando as mulheres estão finalmente entre si, a palavra solta-se e, na rede complexa da comunicação que se estabelece entre elas, a outra face do mutismo torna-se palpável.

Mutismo não significa necessariamente passividade. Significa apenas que há qualquer coisa que se guarda. É um silêncio contido, à espera do momento oportuno para se revelar. Atrás dele escondem-se muitas vezes a perseverança obstinada, a recusa violenta do que se vive ou do que se vê. Sem palavras, a mulher fala¹.

¹ Maria de Lourdes Pintasilgo, 1981, pp. 47-48.

2.1 CONTEXTO NO QUAL O PROJECTO SURTIU

2.1.1 SITUAÇÃO DO PAÍS EM 1974-75

A revolução de 25 de Abril de 1974, ao introduzir uma alteração radical nas estruturas políticas e sociais, veio abalar nos seus alicerces uma sociedade que durante cinco décadas permanecera fechada sobre si mesma. De uma situação de imobilismo e estagnação, ao nível político, económico e social, passou-se a uma situação em que a mudança se tornou realidade no quotidiano.

Durante o ano de 1975 multiplicaram-se reuniões, debates, discussões em todos os agrupamentos sociais: sindicatos, associações, comissões de trabalhadores. Por todo o lado foram criadas formas associativas múltiplas para resolução de problemas comuns. Foi o emergir colectivo da consciência dos direitos e liberdades fundamentais da pessoa humana, que até então tinham sido negados. Foi um período em que se viveu com toda a intensidade a procura de soluções justas para os graves problemas sociais; um período em que o empenhamento na transformação social era sentido com a urgência do imediato a cumprir.

Uma larga camada da população, porém, não acompanhou todo este processo. Eram sobretudo as populações do Centro e Norte do País, regiões que, mercê de circunstâncias várias, se encontravam isoladas, afastadas dos grandes centros de decisão. Nessas comunidades, a experiência da organização era praticamente nula, diferenciando-se nisso as camadas operárias urbanas ou dos camponeses do Sul, trabalhadores nos latifúndios.

A situação de marginalidade a que essas zonas foram votadas deve-se, sem dúvida, a múltiplos factores, de ordem geográfica, cultural e política. O sistema de pequena propriedade e o domínio de uma agricultura de subsistência não encorajaram a consciência de classe e a associação dos camponeses enquanto tais.

Uma outra característica destas zonas do País é uma forte religiosidade popular. Trata-se de regiões tradicionalmente cristãs, onde se tornava imperativo interpretar a mudança social à luz das referências religiosas. Isso levou certos grupos cristãos, que vinham sentindo ao longo dos últimos anos um certo mal-estar dentro de uma Igreja conservadora e alheia dos reais problemas do povo, a considerarem este o momento privilegiado de construir uma Igreja diferente, libertadora e comprometida².

2.1.2 ACÇÕES DO GRAAL EM MEIO RURAL

O Projecto de Animação Sociocultural com Mulheres Rurais (a partir de 1980 chamado Projecto de Animação de Raparigas e Mulheres Rurais) teve início em Junho de 1975, na zona de Coimbra, estendendo-se em Novembro do mesmo ano à zona do Porto.

Para compreender esta iniciativa importa recordar algumas acções realizadas pelo Graal, em meio rural, a partir de 1962, nomeadamente:

Um projecto de promoção humana e desenvolvimento comunitário em 15 aldeias do distrito de Portalegre (1962-72);

Programas de alfabetização e educação de base de adultos em aldeias dos distritos de Portalegre (1968-70), Coimbra (1969-76) e Porto (1975-77);

Um projecto de «sociologia participada», realizado em 4 aldeias da região de Coimbra (1972-74);

Programas de evangelização e animação de comunidades cristãs em paróquias rurais dos distritos de Portalegre (1962-72), Coimbra (1969-77) e Porto (1974-76);

Um projecto de equipas móveis que cobriu 180 aldeias dos distritos do Norte e Centro do País, procurando ajudar as comunidades locais na sua reflexão sobre os acontecimentos sociais e políticos pós-25 de Abril, à luz da fé e da responsabilidade cristã (1974-75)³.

2.1.3 MULHERES RURAIS REDUZIDAS AO SILÊNCIO?

Ao longo das inúmeras reuniões, as equipas móveis deram-se conta de que as mulheres se destacavam como um grupo particularmente passivo, reduzido ao silêncio. Herdeiras de um passado que lhes conferia como espaço exclusivo a casa, a família e o pedaço de terra que cultivavam, as mulheres continuavam a viver o seu papel de subalternidade, resignadas, sem disso terem uma consciência clara.

As equipas do Graal sentiram a interpelação desta situação. O desejo, manifestado pelas próprias mulheres, de terem reuniões só entre si não podia deixar de encontrar no Graal — movimento empenhado na dignificação das mulheres — um eco profundo⁴.

Foi a intuição de que o mutismo «é um silêncio contido, à espera do momento oportuno para se revelar», que nos fez decidir, em 1975, empenharmo-nos numa acção exclusivamente com mulheres do meio rural, criando espaços em que as suas palavras se pudessem libertar não só de silêncios, mas também de «histórias» (para a descrição do conceito de «história» ver 2.3.5 e cap. 3) impostas pela cultura dominante.

2.1.4 O GRAAL

O Graal é um movimento internacional de mulheres cristãs. Teve início na Holanda em 1921, a partir de um grupo de estudantes da Universidade de Nimegue.

Em Portugal, o Graal existe desde 1958. Em termos de personalidade civil, o Graal tem em Portugal o estatuto jurídico de «associação de carácter social e cultural»; em termos eclesiais, é um movimento de apostolado leigo, internacionalmente reconhecido como tal.

Os objectivos indicados nos estatutos da Associação Graal são:

Proporcionar condições de valorização pessoal e educação permanente a mulheres de todas as condições sociais;

Estimular a contribuição das mulheres para a criação de novos modelos de vida em sociedade, ao nível local, nacional e internacional;

Promover a compreensão e a solidariedade entre mulheres de diferentes nacionalidades, raças e culturas;

³ *Graal*, 1978, pp. 1-2.

⁴ *Ibid.*, Coimbra, 1982, p. 2.

Suscitar a introdução de valores de ordem ética e transcendental nas tarefas de ordem técnica, social e cultural⁵.

2.2 PONTO DE PARTIDA E OBJECTIVOS

No ponto de partida havia, da nossa parte, uma ideia vaga da situação de opressão das mulheres, particularmente da mulher rural. Sabíamos-las reduzidas a um estatuto de menoridade no meio da família, excluídas de qualquer poder de decisão. Pensávamos, no entanto, ser fácil reuni-las e discutir com elas os seus próprios problemas.

Não tínhamos, à partida, linhas de acção estruturadas e definidas. Queríamos apenas propor um espaço aberto de diálogo, de reflexão, em que, livres de toda a inibição, as mulheres se contassem mutuamente os seus medos, as suas angústias, interrogações, desejos. Pretendíamos fazer em conjunto um processo de conscientização em que as mulheres envolvidas — do meio rural e do meio urbano — compreendessem mais profundamente as causas dos mecanismos que geram a opressão das mulheres. Acreditávamos no potencial de transformação contido nas mulheres, na sua força conjunta, e apostávamos na capacidade de criar qualquer coisa de novo e de diferente.

Ao começar, deparou-se-nos, porém, uma situação muito diferente da que tínhamos concebido: as mulheres não estavam habituadas a reunir-se enquanto mulheres, mas apenas enquanto mães, e congregá-las com um fim meramente gratuito aparecia como algo de estranho e de suspeito. Descobrimos, então, quanto os tabus ancestrais condicionam as mulheres, revestindo de um sem-número de expressões a sua situação de marginalidade. Descobrimos, ainda, que é também no interior das próprias mulheres, dentro de cada uma e de todas enquanto grupo, que os mecanismos de opressão se geram. Com surpresa, defrontámo-nos com obstáculos vindos das próprias mulheres, que dificultavam o caminho da sua própria libertação.

Foi, pois, com uma lentidão com que não contávamos que percorremos com muitas mulheres o duro caminho da libertação pessoal e colectiva, do emergir de uma voz silenciada durante longos anos. Aprendemos com elas as marcas profundas deixadas por uma sociedade classista e castradora e com elas vivemos o despertar de uma nova consciência⁶.

Como parte da Equipa Coordenadora do Projecto na Zona Norte, não diria que tínhamos, à partida, uma ideia vaga da situação de opressão das mulheres. As experiências pessoais, as vividas em grupos de mulheres, bem como a leitura de livros e artigos sobre as lutas das mulheres, tinham acentuado a nossa consciência das causas e formas de opressão. Achámos desde o início que nós, mulheres, tínhamos de organizar a nossa própria luta e que «a Revolução não levava por si à libertação das mulheres». O Projecto foi também uma forma de luta. Apesar das diferenças que havia entre nós e as mulheres rurais, sabíamos que as mulheres, embora oriundas de diferentes classes sociais, sofrem discriminações e opressões comuns.

Estávamos convictas de que ninguém se torna crítico através das convicções de outras pessoas, mas sim através de experiências vividas.

⁵ Graal, 1979, pp. 1-2.

⁶ *Ibid.*, Coimbra, 1982, p. 2-3.

Neste sentido, a experiência vivida no Projecto por nós, mulheres urbanas com cursos superiores, e por elas, mulheres rurais muitas vezes analfabetas, foi uma experiência de tomadas de consciência consecutivas e, em muitos casos, um processo de conscientização.

A decisão de empreender uma acção específica junto de grupos de mulheres decorreu de uma dupla tomada de consciência:

Por um lado, o conhecimento directo das condições de vida das mulheres rurais do Centro e do Norte do País e o reconhecimento da sua situação de marginalidade em relação a múltiplos aspectos da vida social, económica e política;

Por outro lado, a convicção de que a contribuição das mulheres era fundamental para que as transformações introduzidas ao nível das estruturas políticas, económicas ou sociais não permanecessem desligadas do quotidiano da vida das populações, antes fossem por elas determinadas e assumidas de forma consciente e criadora.

OBJECTIVOS

Os objectivos deste Projecto podem sintetizar-se do seguinte modo:

Contribuir para a tomada de consciência, por parte das mulheres rurais, das formas de opressão que marcavam a sua situação de vida e estimulá-las na procura de caminhos de libertação pessoal e colectiva;

Proporcionar às mulheres que o desejassem os meios de aprendizagem não formal que melhor correspondessem às suas aspirações, tanto em ordem ao desenvolvimento das suas capacidades pessoais, como em ordem à sua preparação para acções colectivas;

Apoiar as iniciativas e esforços que nascessem da organização das mulheres e que se orientassem para a resolução de problemas locais ou para quaisquer outras formas de intervenção na vida do País⁷.

2.3 METODOLOGIA

2.3.1 COORDENADAS BÁSICAS DO PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO

Ao referirmo-nos à acção deste Projecto como um processo de conscientização, queremos significar com isso uma perspectiva de acção e uma pedagogia determinadas, que a seguir descrevemos.

Sendo a conscientização o processo que leva o indivíduo de um estado de consciência ingénua (acrítica, submissa) a um estado cada vez mais avançado de consciência crítica activa, ela é um acto eminentemente cultural, pela dialéctica que o sujeito estabelece com a situação, numa recíproca transformação permanente.

São coordenadas básicas deste processo:

⁷ Graal, 1978, p. 2.

Ter como sujeitos todas as pessoas nele envolvidas, incluindo as animadoras exteriores à situação e ao meio;
 Não partir de concepções fixadas *a priori*, deixando em aberto os resultados a atingir;
 Considerar a tomada de consciência como um resultado da relação dos sujeitos com o mundo e, conseqüentemente, como um processo inacabado;
 Considerar que cada novo nível de consciência se realiza «por» e «na acção», e nunca fora dela;
 Ter como fundamental que a acção é determinada por sujeitos-concretos numa situação-concreta⁸.

2.3.2 PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO⁹

A alteração da situação das mulheres, para a qual este projecto se propôs contribuir, pressupõe uma pedagogia participativa desde o princípio e com todas as suas conseqüências. Globalmente designada como «processo de conscientização», esta pedagogia desdobra-se em três fases:

- A — *Recolha do universo temático* (do grupo/população em causa);
- B — *Devolução* (ao grupo) *da situação identificada*;
- C — *Acção transformadora* da situação.

Estas fases constituem uma unidade, que recomeça sempre de novo, procurando atingir de cada vez níveis mais profundos.

A — RECOLHA DO UNIVERSO TEMÁTICO

Durante todo o processo de conscientização realiza-se a investigação temática das situações existenciais das participantes no processo. Há diferentes momentos na investigação temática:

- Investigação temática ampla à volta do grupo social sobre o qual recai a acção (o grupo das mulheres rurais no Norte e Centro do País), realizada pelas equipas móveis no ano de 1974-75. Os dados foram trabalhados num seminário que teve a duração de uma semana;
- Investigação temática abrangendo já futuras participantes no processo de aprendizagem, correspondendo a idas às aldeias, conversas com as mulheres e pessoas de contacto, antes de o grupo começar a reunir-se;
- Investigação temática com as participantes durante as reuniões de grupo em que os temas geram outros temas.

B — DEVOLUÇÃO DA SITUAÇÃO IDENTIFICADA

A segunda fase do método consiste em analisar a situação que o grupo vive, de forma que, compreendendo-a, possa transformá-la.

Desdobramos esta segunda etapa em dois momentos distintos: codificação e descodificação.

⁸ Graal, Coimbra, 1982, pp. 11-12.

⁹ *Ibid.*, id., pp. 12-13.

A *codificação* consiste em tornar objectiva uma situação comum às mulheres do grupo, mas que é vivida individual e isoladamente por cada participante.

A objectivação faz-se a partir de «situações-desafio», ou seja, situações particularmente significativas relativamente aos interesses do grupo. São exemplos de situações escolhidas: a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres; a dupla tarefa a que as mulheres estão sujeitas; as imagens sociais determinantes para as mulheres, etc. Os «desafios» utilizados foram apresentados através de diapositivos, textos, cartazes, contos, textos dramatizados, etc.

Na elaboração dos desafios tivemos em conta determinadas regras:

Focar um aspecto importante da vida da população ou grupo a que se dirige;

Mostrar pessoas em situação (e não fora duma situação nem meros objectos);

Procurar apresentar uma situação (pessoas em situação) imediatamente reconhecível (não tão diferente da experiência do grupo que este não se reconheça nela);

Evitar, não obstante, que essa situação seja tão próxima que iniba ou impeça a sua desmontagem (por exemplo: pessoas ou lugares da própria aldeia);

Focar só um aspecto de cada vez;

Não introduzir muitos elementos;

Não apresentar conceitos abstractos.

A codificação é um trabalho da responsabilidade dos animadores. É sua finalidade criar um meio para objectivar a situação a analisar. Para isso precisa de conseguir distanciá-la das pessoas que a vivem, de forma a ser «observável» e passível de análise no momento seguinte.

A *descodificação* da situação vivida faz-se através da apresentação do desafio ao grupo, seguida da discussão que esse desafio suscita. A animadora tem um papel activo na discussão, pondo questões que ajudem na análise crítica da situação apresentada. A animadora tem uma visão do mundo e a sua intervenção nunca pode nem deve ser neutra.

A descodificação inclui os seguintes momentos:

Descrição em conjunto do desafio («o que viram?»);

Passagem para a realidade do grupo, partilhando experiências pessoais associadas ao desafio apresentado, («o que tem esta situação a ver com a nossa vida?»);

Colectivização de experiências individuais e descoberta do que há em comum («quem já passou por uma experiência parecida?»);

Análise das causas («porque acontecem estas coisas?»);

Fornecimento (troca) de informação;

Procura de formas de passagem à prática com o objectivo de mudar as situações discutidas nas reuniões («o que podemos fazer para mudar esta situação?»).

C — ACÇÃO TRANSFORMADORA

A passagem à prática é um processo fundamental no processo de conscientização. É quando a palavra, a reflexão, a análise, a compreensão crítica se tornam acto que a transformação começa a ser real.

As alterações introduzidas na prática quotidiana são as possíveis em cada momento do processo, dependendo em absoluto dos sujeitos envolvidos e das condições circundantes. A partir de qualquer alteração introduzida, o processo encaminha-se para uma nova fase, desenrolando-se em espiral, a que corresponde de cada vez um patamar mais elevado de consciência praticada.

2.3.3 MODELO E REALIDADE

Este modelo do processo de conscientização é um modelo cíclico, isto é, sem um princípio nem um fim claramente demarcados, o que implica que um grupo pode entrar em qualquer fase deste processo. A realidade não é tão organizada como um modelo esquemático e há grupos que não seguem a ordem lógica do esquema.

Assim, um grupo pode começar a partir de uma acção, um outro com reuniões sobre um assunto de interesse ou com a discussão de um tema, um terceiro com uma reunião de sensibilização que confronta o grupo com diferentes aspectos da realidade.

2.3.4 MÉTODO PROBLEMATIZANTE

Durante a descodificação analisa-se o porquê das situações apresentadas nos desafios. As situações são assim *problematizadas*. Daí este método ser conhecido também por método *problematizante*.

2.3.5 «HISTÓRIAS» EXIGINDO ESPAÇO

Usarei o conceito «história» para dois tipos de histórias:

- «Histórias» de pessoas que narram experiências individuais;
- «Histórias» com as quais determinados colectivos (grupos, instituições, países, culturas) «interpretam, desde as suas origens, a sua existência e encontram e reforçam a sua identidade»¹⁰.

Ter espaço para contar a sua «história» é extremamente importante num processo de conscientização de mulheres.

O momento de partilha de experiências durante a descodificação não é muitas vezes suficiente. Em 4.1.1 demonstrarei como é importante distinguir metodologicamente esta necessidade de espaços para as «histórias».

2.4 ACÇÕES REALIZADAS NO PROJECTO DE ANIMAÇÃO DE RAPARIGAS E MULHERES RURAIS

2.4.1 TRABALHO COM MULHERES

As acções realizadas no quadro do Projecto nasceram da auscultação dos desejos e aspirações dos grupos formados e foram agrupadas nas seguintes modalidades de programa:

Programas de sensibilização

Os programas de sensibilização visavam confrontar as mulheres com diferentes aspectos da realidade em que vivem, motivando-as para uma progressiva reflexão e análise dos problemas do seu dia-a-dia.

Programas de educação de base

Os programas de educação de base incluíam a alfabetização, a pós-alfabetização a preparação para o exame de instrução primária. Os temas e os desafios propostos ao longo do processo de aprendizagem foram escolhidos a partir dos interesses e preocupações imediatos da vida das mulheres, procurando valorizar, sempre que possível, os conhecimentos que decorriam da sua experiência quotidiana.

Unidades de aprendizagem

As unidades de aprendizagem eram unidades temáticas desenvolvidas ao longo de uma série de encontros, através de vários programas. Correspondiam a interesses despertados ou formulados através dos programas de sensibilização e de educação de base, cobrindo as seguintes áreas: «saúde e vida», «educação para a vida» e «direitos das mulheres».

Formação de animadoras locais

As animadoras locais eram mulheres dos vários grupos que revelavam aptidão e desejo de se prepararem para assumir maior responsabilidade na dinamização dos programas locais.

A etapa de formação inicial era assegurada através de um programa realizado nas próprias terras, orientado pelas coordenadoras do Projecto. A formação continuada supôs aspectos de formação pela acção, através da experiência de liderança dos respectivos grupos, e aspectos de reflexão teórica, através de encontros regulares com as coordenadoras do Projecto¹¹.

Apoio a iniciativas de organização colectiva

Embora nos primeiros anos do Projecto tivéssemos investido sobretudo em programas de educação de base e unidades de aprendizagem, começaram todavia a vislumbrar-se formas de organização colectiva, sobretudo na linha da produção.

2.4.2 TRABALHO COM RAPARIGAS

Entre Outubro de 1977 e Dezembro de 1980 realizaram-se programas de formação de animadoras locais, tendo-se abrangido 201 raparigas oriundas das regiões de Portalegre, Castelo Branco, Coimbra e Torres Vedras. No espaço limitado desta comunicação é impossível descrever estes programas, que constituíram, no entanto, a base para os programas de formação de animadoras desenvolvidos posteriormente na zona norte.

¹¹ Graal, 1978, p. 2.

2.5 O PROJECTO DA ZONA NORTE: «UM ARCO-ÍRIS MULTICOLOR»

Não vos posso dizer onde começa a história das mulheres e começa a das crianças; nem onde está ao certo a actividade dos jovens ou a dos velhos. Cada vez se torna mais difícil dissociar o trabalho com as crianças, a formação das animadoras, o processo regular de consciencialização das mulheres e a animação das comunidades. É um arco-íris multicolor¹².

Entre os anos de 1975 e 1983, o Projecto na zona norte abrangeu 20 aldeias e um grupo de mulheres em Vila Nova de Gaia. Durante estes oito anos participaram nesta experiência cerca de 600 mulheres. Entre elas, 60 fizeram o exame da 4.ª classe e outras aprenderam a ler e a escrever. Das 600 mulheres, cerca de 100 constituíram, em Junho de 1983, a Associação MAPA (Mulheres a Preparar o Amanhã), abrindo delegações em 10 aldeias e em Vila Nova de Gaia. A maior parte das mulheres que participaram no Projecto trabalham em casa e na agricultura, com a excepção das mulheres em Campo (Valongo) e Vilarinho-Gandra (Paredes), que trabalham ou trabalhavam em fábricas de têxteis. Na zona do Lobão (Vila da Feira) são várias as que são operárias nas fábricas de cortiça.

No Projecto distinguimos duas fases:

Fase I: 1975-79;

Fase II: 1979-83.

A diferença fundamental entre as duas fases reside no facto de no segundo momento terem surgido acções colectivas, resultantes da reflexão feita nas reuniões.

Na primeira fase houve:

- Formação de alfabetizadoras;
- Programas de alfabetização;
- Programas conducentes ao exame do ensino básico;
- Reuniões de sensibilização;
- Unidade de aprendizagem «Saúde e Vida»;
- Unidade de aprendizagem «Direitos das Mulheres»;
- Reuniões sobre a *Bíblia* e a Fé;
- Reuniões sobre educação;
- Encontros interaldeias.

A sensibilização crescente das mulheres aos problemas da educação e a ausência de estruturas de apoio à educação infantil nos meios rurais levaram-nas a procurar soluções colectivas para tais problemas. Assim, numa das aldeias (Lobão), onde se vinha a reunir periodicamente um grupo de mulheres, surgiram actividades esporádicas dirigidas às crianças da aldeia. Estas actividades conduziram, em 1979, à abertura de centros de animação infantil em 9 aldeias, tendo pertencido às mulheres e às anima-

doras a responsabilidade desta iniciativa. Estes centros destinaram-se a crianças em idade pré-escolar e em alguns locais organizaram-se igualmente actividades para crianças em idade escolar.

Na segunda fase houve:

Programas de formação de animadoras;
Organização de centros de animação infantil;
Unidade de aprendizagem «Educação para a Vida»;
Reuniões sobre cooperativismo e contabilidade.

Realizaram-se dois *programas de formação de animadoras*: de 1979 a 1981 e de 1981 a 1983. Estes programas foram iniciados com uma formação residencial de 6 semanas. Após este período, e uma vez regressadas às aldeias, as animadoras foram acompanhadas por duas educadoras que faziam parte da equipa coordenadora do Projecto. Para além deste apoio na prática, realizaram-se encontros quinzenais de um dia para assegurar a formação contínua.

Os *centros de animação infantil* foram espaços criados para o efeito pelas mulheres e pelas animadoras, pois funcionavam em casas cedidas por emigrantes, em garagens emprestadas, em centros paroquiais e em antigas escolas primárias.

No contexto desta comunicação é impossível contar mais detalhes sobre esta experiência.

Após dois anos de trabalho no âmbito da animação infantil elaborámos um novo programa: «Mulheres e Educação.» Aqui os temas «mulheres» e «educação» funcionaram como balizas e com eles se relacionavam outros assuntos, tais como:

Trabalho invisível das mulheres;
Porquê a animação infantil;
Como se desenvolve a criança;
Como chega a criança à leitura e à escrita;
Educação rapazes/raparigas;
Papel da mulher na família;
A família na sociedade tradicional e actual;
As mulheres e as leis;
Os valores que transmitimos;
As mulheres e o consumo;
As mulheres e a saúde;
A alimentação;
Problemas quotidianos da educação.

O novo programa «Mulheres e Educação» tornou possível confrontar os grupos — numa média de 10 reuniões — com vários temas importantes na vida das mulheres rurais portuguesas, respeitando contudo a razão pela qual o grupo se reunia: a educação dos filhos.

Produção colectiva — Na experiência de produção colectiva privilegiámos aqui apenas a referência ao trabalho realizado em dois locais. Assim, constituiu-se em Serreleis (Viana do Castelo) uma cooperativa de bordadeiras e uma outra com sede em Vila Nova de Gaia, que inclui um restaurante gerido por mulheres e uma pequena loja aberta no Porto, que

constitui um posto de venda de trabalhos artesanais feitos por mulheres.

MAPA — No penúltimo ano do Projecto começou a editar-se uma pequena publicação, **MAPA**, que funcionou como elo de ligação entre os vários grupos. No último ano do Projecto surgiu a ideia de criar uma associação de mulheres que permitisse, em primeiro lugar, enquadrar os centros de animação infantil e obter subsídios de entidades oficiais.

Foi assim constituída a Associação MAPA, em Julho de 1983, com sede em Campo (Valongo). Em Dezembro de 1983, a Associação conseguiu um subsídio do Centro Regional de Segurança Social, o que permitiu manter o trabalho nos centros de animação infantil. Para este ano está prevista a celebração de um acordo entre aquele Centro e o MAPA, no âmbito do IPSS.

A Associação tem delegações nos seguintes locais:

1. Campo (Valongo)
2. Lordelo (Paredes)
3. Recarei (Paredes)
4. Reiros (Paredes)
5. Vilarinho (Paredes)

(Nestas aldeias funcionam os Centros de Animação Infantil.)

6. Santo Isidoro-Livração (Marco de Canaveses)
7. Canidelo (Vila do Conde)

(Nestas aldeias, as mulheres estão a iniciar uma experiência de produção colectiva de malhas e rendas.)

8. Lobão (Vila da Feira)
9. Sanguedo (Vila da Feira)

(Nestas aldeias há o projecto de organizar uma biblioteca infantil.)

10. Serreleis (Viana do Castelo)
11. Vila Nova de Gaia

(Ambos os locais com cooperativas já formadas.)

O MAPA tem actualmente 700 sócias, das quais cerca de 70 podem ser consideradas sócias activas.

3. PALAVRAS DE MULHERES, TECENDO «HISTÓRIAS» NOVAS

Cada palavra de alguma importância é potencialmente o ponto de intersecção de um número infinito de histórias. (...) Este facto demonstra a riqueza da língua (...) mas também uma fonte inesgotável de incompreensão, de mistificação e de manipulação. (...) a história surge sempre num contexto social e cultural. Isto significa que paralelamente a uma determinada história existem outras histórias, nas quais a função da primeira é analisada criticamente no seu contexto¹³.

3.1 OS PRIMEIROS GRUPOS DE MULHERES: «CONSEGUI SER SENHORA DO QUE REALMENTE ME PERTENCIA»

Em Novembro de 1984, 29 mulheres «pioneiras» da experiência foram objecto de inquérito por uma entrevistadora exterior ao Projecto.

15 no Lobão (Vila da Feira) e 14 em Santo Isidoro/Livração (Marco de Canaveses). 4 delas trabalharam como animadoras de crianças (ver 3.2). Para além de entrevistas individuais, houve em cada aldeia uma entrevista de grupo.

Todas estas mulheres são actualmente sócias do MAPA.

O tempo de participação no projecto varia entre:

8 anos de participação — 10 mulheres

7 anos de participação — 6 mulheres

6 anos de participação — 2 mulheres

4 anos de participação — 9 mulheres

2 anos de participação — 2 mulheres

As idades situam-se na casa dos:

50 anos — 8 mulheres

40 anos — 4 mulheres

30 anos — 11 mulheres

20 anos — 6 mulheres

Exceptuando as mulheres que estão na casa dos 20 anos, quase todas são casadas e têm filhos. Algumas delas são viúvas.

Nestas duas aldeias houve:

Programas de educação de base;

Unidades de aprendizagem (saúde, alimentação, educação);

Reuniões sobre os direitos das mulheres, sobre o planeamento familiar e sobre a *Bíblia*;

Centro de Animação Infantil (os Centros fecharam depois de dois anos de funcionamento, devido à abertura de jardins de infância oficiais);

Organização de festas e de uma «palestra» (Santo Isidoro) para a população;

Encontros interaldeias.

As perguntas feitas às mulheres foram as seguintes:

1. Do trabalho realizado aqui pelo Graal, o que considerou mais importante para si?
2. O que mudou na sua vida esta experiência?
3. O que tentou mudar e não conseguiu? Quais foram os obstáculos?

As respostas à *primeira pergunta* indicam motivações e mudanças em quatro áreas:

Aprendizagem;

Convívio e apoio mútuo;

Autoconfiança e consciência do valor de ser mulher;

Organização colectiva.

Deixemos a palavra às mulheres:

Aprendizagem

Aprender a falar, saber expor qualquer coisa. (Conceição, 30 anos.)

A aprender coisas é que a gente vai mudando. (Irene, 40 anos.)

Ensinarão cá coisas que nós não sabíamos. E isso deu-nos uma força! (Celeste, 35 anos.)

Foi com o Graal que aprendi a ler e escrever, com o Graal tirei a 4.^a classe. (Amélia, 51 anos.)

Para mim o mais importante foi aprender a ler. Vou ao Porto e já sei andar aquilo tudo. (Judite, 52 anos.)

Gostei de muita coisa. Não sei distinguir do que gostei mais. Talvez daquelas reuniões sobre a educação e a alimentação. Foi aí que eu fui conhecendo o valor dos alimentos que se podem ter no quintal. (Margarida, 40 anos.)

Convívio e apoio mútuo

Gostei muito do convívio entre as pessoas. (Ana, 51 anos.)

A gente tem problemas em comum, a gente consegue resolver, ajudando-se umas às outras. (Amélia, 51 anos.)

Autoconfiança e consciência do valor de ser mulher

O mais importante foi o mudar a vida, entrar dentro de mim própria e ser capaz de mudar alguma coisa. Às vezes tinha aquele complexo em relação a uma pessoa mais culta. Agora não, somos todos iguais. (Margarida, 40 anos.)

O que me mudou foi eu começar a ser mais comunicativa. Fez-me ver melhor o direito que temos. Não me deixar levar pela pessoa que diz «eu faço, eu quero» fez-me abrir os olhos em muitos aspectos. (Conceição, 30 anos.)

Sentir que tinha valor como mulher. Somos iguaizinhos. Quando casámos, falámos as mesmas palavras, fizemos o mesmo juramento. (Entrevista de grupo.)

Senti-me outra mulher ao saber realmente o direito que ela tem. Senti-me mais forte. Resolvi muitos problemas sozinha e senti-me bem. (Clarinda, 37 anos.)

Organização colectiva

O trabalho mais importante foi o Centro de Animação Infantil, porque estava a desenvolver as crianças. (Entrevista de grupo.)

A festa-convívio. Foram crianças e adultos a dançar, foi a juventude também. Trabalho, tivemos muito: a pessoa vinha do campo cansada, mas havia uma força de vontade que a gente não sentia o cansaço. Até pessoas isoladas ganharam uma força! (Entrevista de grupo.)

O que eu gostei mais e gostava que fosse por diante é a Associação MAPA. (Irene, 40 anos.)

Mudou muita coisa. Traduzir por palavras não é tão fácil. Até no meu trabalho há alguma coisa que elas notam e confiam muito em mim.

Muitas vezes analisámos que muitas mulheres vivem só a pensar em luxo. Mesmo com o meu marido tenho assumido um trabalho de mentalização, apesar de ele não ser alguém que me impeça de fazer qualquer coisa. (Conceição, 33 anos.)

Consegui ser senhora do que realmente me pertencia, consegui os meus direitos desde que não prejudicasse ninguém. Na educação também mudei bastante. A pessoa nunca pratica como deveria praticar, mas antes era pior. Eu praticamente não tinha cultura nenhuma. Tinha receio de falar com pessoas que não conhecia. Agora falo com qualquer pessoa. (Amélia, 51 anos.)

A gente aprende coisas importantes e diferentes. (Augusta, 59 anos.)

A mim mudou muito. Até com o meu marido, que não é desses modernos. Tudo o que ele dizia a gente tinha muito medo. Eu comecei a abrir os olhos, abrir mais um bocado de liberdade porque temos os mesmos direitos. Às vezes estou a fazer o comer e está na minha cabeça o que é melhor fazer. (Ana, 51 anos.)

O meu marido levantava a voz e eu calava-me. Agora ele levanta a voz e eu também. Até hoje está tudo bem./Vamos abrindo os olhos, porque andávamos a dormir./O meu marido antes tinha vergonha de ir ao talho ou à loja. Agora já vai, não se importa com nada./O meu marido de vez em quando diz: «Eu sou o chefe.» Eu digo: «Chefe de quê?» Depois do 25 de Abril tudo mudou./Sou muito amiga do meu marido, dou-lhe o sangue dos braços, mas ser chefe é que não deixo. (Entrevista de grupo.)

O que mudou foi muito a libertação. A mulher libertou-se do espaço da casa e saiu para fora. Foi a partir da história da Clementina¹⁴, que era uma mulher a quem o marido dava tudo e mesmo assim ela não se sentia realizada. (Margarida, 40 anos.)

O QUE TENTOU MUDAR E NÃO CONSEGUIU? QUAIS FORAM OS OBSTÁCULOS?

Por vezes temos tempo, mas muitas vezes não temos condições./O problema de todo o mundo é ganhar pouco e gastar muito. Muita coisa havia de mudar, aumentar os salários, melhorar a vida. (Entrevista de grupo.)

O nosso grupo aqui já foi muito mal visto, era visto como um grupo de comunistas. (Conceição, 33 anos.)

Falámos sobre a liberdade com os homens. Temos acordo um com o outro, mas ser livre a gente não é. (Cecília, 45 anos.)

Certas liberdades que se dão às mulheres e que os nossos maridos não estão de acordo. Por exemplo, à noite o marido sai para um lado e a mulher sai para outro — isso não dá jeito. Há certas coisas que eu não estou habituada. (Ana, 51 anos.)

São sempre os homens que mandam. Eu acho que devíamos ser iguais, mas no fim não somos. A gente não se pode opor, a gente tem que se humilhar. (Isménia, 51 anos.)

As professoras meteram na cabeça do Sr. Padre que aquilo era comunismo. O padre depois veio a compreender e então ajudou muito. As professoras cismaram que era tudo comunistas. Não vais a reuniões, só vai para lá quem não sabe fazer o comer. Elas falavam que nos iam ensinar a fazer o aborto, que nos vinham ensinar a mandar nos maridos.

¹⁴ Referência a uma «história» utilizada no Projecto como desafio.

Por causa desses comentários, muitas que até gostavam desistiram. Elas queriam ser sempre as primeiras. Elas são as únicas professoras da freguesia. Enquanto temos lá os miúdos, temos que baixar as orelhas. (Entrevista de grupo.)

3.2 ANIMADORAS, NÃO SÓ DE CRIANÇAS: «UMA DESCOBERTA DO 'EU' QUE ESTAVA ESCONDIDO»

Com as dez animadoras de Campo, Lordelo, Reiros, Recarei e Vilarinho foi feita uma avaliação no Verão de 1983. Das muitas respostas interessantes limitar-nos-emos a focar as que dizem respeito às seguintes perguntas:

O que é que a formação mudou em ti? (Como eras e pensavas antes, como és e pensas agora?)

O que é que a formação mudou em ti como mulher?

Segundo a tua opinião, qual é a coisa mais importante na vida de uma mulher?

Quais foram os obstáculos?

O QUE MUDOU

Eu pensava de uma maneira totalmente diferente sobre a vida, sobre o meio em que se vive. Pensava como os outros pensam, não saindo do buraco em que vivem. Estava sempre de acordo com alguma ideia que surgisse. Agora não, fez-me ver a realidade das coisas; falar quando se é da opinião contrária. Fez-me descobrir e abrir para uma nova sociedade.

Penso que a mulher não é só para ter filhos, mas sim fazer o mesmo que os homens fazem: sair, descobrir, falar, fazer, etc. (Fernanda, 21 anos.)

Antes era uma pessoa mais parada em mim mesma. Agora sou mais eu, mais aquilo que queria ser. Foi como uma janela que se abriu para mim e daí poder ver mais além. (Laurinda, 20 anos.)

Graças à formação, acho que a mulher tem todos os direitos de viver numa plena liberdade sem ter medo do que os outros possam dizer dela. (Delfina, 20 anos.)

Sinto-me mais adulta, com mais capacidade para enfrentar problemas. (Zeza, 28 anos.)

Sinto-me mais optimista, mais responsável, mais livre e realizada. (Fátima, 24 anos.)

Era uma pessoa muito envergonhada, agora já consegui superar essa timidez. Penso que tudo pode ser difícil, mas não impossível. (Fátima T., 23 anos.)

A formação foi muito importante. Muda muito a maneira de ser de uma pessoa. (Lourdes, 27 anos.)

Como mulher sou mais «revolucionária». Exijo os meus direitos. Sou mais confiante. (Cecília, 20 anos.)

Valeu a pena porque me fez abrir os olhos e consegui libertar-me de certos preconceitos, de sentimentos de inferioridade e consegui aos poucos ser mulher. (Adélia, 22 anos.)

Acho que como mulher tenho uma posição mais segura, mais capacitada. Sou independente. (Albertina, 21 anos.)

- «Gostar daquilo que faz»;
- «Ser independente»;
- «Realizar os seus sonhos»;
- «Não ser explorada pelo homem»;
- «Ter liberdade e não a prisão»;
- «Ser dedicada, ser realizada»;
- «Viver com todos os direitos da mulher»;
- «Ser mãe, ser educadora dos seus filhos e, se não, ser alguém que se dedica aos outros»;
- «Sentir-se realizada, fora ou dentro de um casamento, sentir-se útil».

OBSTÁCULOS

Todas as animadoras falam nos preconceitos que encontram no meio:

Há certas pessoas que vêem mal em tudo. Se uma rapariga sai sozinha à noite, dizem logo: «Onde vai sozinha aquela?» Mas também há os meus preconceitos, que tento ultrapassar, assim como medos e receios.

As animadoras de Campo e Santo Isidoro participaram na avaliação das mulheres pioneiras do Projecto (3.1).

Eis as «histórias» de duas delas:

Mudei completamente. Antes de tirar o curso de animadora era uma pessoa muito fechada, reservada, tímida. Depois comecei a viver num novo mundo. Comecei a trabalhar com as crianças e depois houve os encontros no Porto. Mudei, mudei muito, sou totalmente diferente.

Comecei por dialogar muito em família, mas não me dão ouvidos, o meu pai é uma pessoa porreira, mas somos muito diferentes e muitas vezes metemo-nos em discussão. (Fernanda, 20 anos.)

Houve uma mudança radical. Virei a face, saí da casca. E, sempre que me volto para qualquer coisa, tento projectar aquilo que aprendi. Também eu estava na fase da identificação e fui agarrada no momento óptimo. Foi mesmo uma descoberta do eu que estava escondido e saiu cá para fora. (Helena, 24 anos.)

No capítulo 4 demonstrarei como esta «fase de identificação» exige um «processo de pequenos passos».

3.3 MULHERES EM TORNO DOS CENTROS DE ANIMAÇÃO INFANTIL

Em Maio e Junho de 1983 fizemos uma avaliação dos programas de animação infantil em Campo, Lordelo, Reiros, Recarei e Vilarinho. Nesta avaliação participaram 71 mulheres. Primeiro fizemos entrevistas com 14 delas, a partir das quais elaborámos um inquérito ao qual responderam 57 mulheres, mães de crianças que frequentaram os centros. Porque é que estas mulheres inscreveram os seus filhos de 4 ou 5 anos num centro de animação infantil? Foi-lhes pedido que apontassem a motivação mais forte das cinco razões mencionadas anteriormente nas entrevistas:

Razões	Vezes mencionadas
1 «Para eu ter mais tempo para fazer outras coisas e ficar descansada enquanto ele está lá»	4
2 «Para não ter que aturar as crianças o dia inteiro, o que me põe nervosa»	2
3 «Para o meu filho conviver com outras crianças, porque era muito tímido»	17
4 «Para o meu filho se preparar para a entrada na escola primária»	34
5 «Por o meu filho estar atrasado na fala»	9

Qual o significado dos centros de animação infantil na vida destas mulheres? Será que, para além dos benefícios que trazem às crianças, trazem também benefícios às mães? Contribuíram para a sua emancipação/libertação? Se olharmos para os motivos que as levaram a inscrever os filhos, vemos que é sobretudo em função das crianças que o fazem. Será que as mulheres não exprimem as suas próprias motivações porque a «história» dominante diz que elas têm de se sacrificar pelos filhos? Ou será que o interesse pelo bem-estar dos filhos entra em conflito com outros interesses delas próprias?

Parece-nos que este tipo de questões não pode ser analisado fora do contexto em que surgem: no nosso caso, o meio rural, em que as mulheres são sobrecarregadas com trabalho e em que — particularmente na última década — foram confrontadas com novas ideias e teorias (muitas vezes fragmentadas) sobre a educação dos filhos. Assim, a ansiedade e o desejo de educar melhor foi um dos temas existenciais que surgiu no Projecto, sobretudo durante o Ano Internacional da Criança (1979). Os centros de animação infantil deram resposta a uma necessidade formulada pelas mulheres.

Ao apoiar os programas de animação infantil, foi todavia duplo o nosso objectivo: a experiência devia servir as crianças e as mulheres, mães das crianças.

O que serve as mulheres depende da sua situação social, económica e cultural:

«Pôr um filho no centro de animação infantil» significou para as mulheres no Projecto uma conquista. Saber explicar a pessoas do meio que as criticavam que «a brincar as crianças aprendem» e ser capaz de ultrapassar estas críticas fortaleceu-lhes a consciência de saber defender o que querem.

Ir a reuniões de mães permitiu «aprender coisas», abrir horizontes, preparar um amanhã melhor para elas próprias e para os seus filhos. Ou, como dizia uma delas:

Os nossos pais criaram-nos naquele meio fechado, com os nossos filhos vai ser diferente.

3.4 MULHERES A PREPARAR O AMANHÃ (MAPA)

Em Outubro deu-se início a um trabalho de investigação com as mulheres associadas no MAPA sobre as necessidades das aldeias e as activida-

des que o MAPA realizou e poderia realizar no futuro. Uma das questões para que se pretendia obter resposta consistia em determinar até que ponto a experiência de participação no MAPA tinha alterado as suas vidas.

Notamos uma diferença grande entre as mulheres que participaram no Projecto e aquelas que entraram directamente na Associação MAPA sem terem passado pelo Projecto. Destas últimas, algumas deram a seguinte resposta:

Por enquanto a minha vida não tem mudado, não participei em muitas reuniões.

Esta frase revela a consciência de que as reuniões têm algo a ver com o «mudar».

Parece-nos que, para além das muitas coisas que possa organizar para responder às necessidades das mulheres e do meio em geral, o MAPA é também potencialmente um espaço privilegiado de conscientização de mulheres.

Para que esta perspectiva se mantenha e continue a entender-se como uma das principais prioridades, será fundamental organizar mais reuniões que permitam o enquadramento das novas mulheres que aderiram ao MAPA.

4. CONSCIENTIZAÇÃO DE MULHERES

A repressão perfeita é a que não é sentida por quem a sofre, a que é assumida ao longo de uma sábia educação, por tal forma que os mecanismos da repressão passam a estar no próprio indivíduo e que este retira daí as suas próprias satisfações¹⁵.

Pelo tipo de trabalho que vivem, pelo facto de estarem na raiz da economia, as mulheres confrontam-se, assim, no concreto, com situações de injustiça de que são ao mesmo tempo instrumentos e vítimas. Sem necessariamente traduzirem a sua experiência em teoria económica e sem muitas vezes terem consciência da dimensão universal da dominação entre nações, encontram-se, por via dessa experiência, no coração das forças potenciais capazes de transformar a ordem mundial¹⁶.

4.1 O MÉTODO DE CONSCIENTIZAÇÃO EM GRUPOS DE MULHERES

4.1.1 A DISCIPLINA DA DESCODIFICAÇÃO À LUZ DAS «HISTÓRIAS»

Na prática de educação de adultos (andragogia) há três aspectos distintos e igualmente importantes:

¹⁵ M. Isabel Barreno, M. Teresa Horta e M. Velho da Costa, 1971, p. 255.

¹⁶ Maria de Lourdes Pintasilgo, 1981, p. 72.

Um aspecto hermenêutico

Durante o processo andragógico, a pessoa é ajudada e estimulada a contar a sua «história» e a formular e a reconhecer as suas intenções.

Um aspecto crítico-analítico

O «andragogo», ou «educador de adultos», faz perguntas que projectam a «história» no quadro da realidade da pessoa ou do grupo. Interessa descobrir se a «história» exprime a realidade vivida, se a palavra e o acto convergem numa *praxis* consciente ou se — pelo contrário — a «história» tem a função de ocultar uma outra «história», mais fundamental, talvez mais dolorosa, ou então se a «história» é condicionada pela ideologia ou «histórias» dominantes. Um exemplo deste tipo de «histórias» é a da «mulher que é feita para estar em casa».

Um aspecto pragmático

O andragogo estimula a pessoa ao nível da capacidade de agir. É o momento da formulação de alternativas, do tentar encontrar caminhos futuros. É o momento de decidir como continuar.

Os três aspectos são extremamente interligados e estabelecem entre si uma interacção constante. Porque «saber o que se quer não conduz a nada enquanto não se torna claro como agir»¹⁷. Como também a capacidade de agir depende da capacidade de formular crítica e conscientemente um objectivo. Noutros termos: depende da capacidade de contar versões críticas das «histórias» dominantes.

Comparando a fase de descodificação do «método problematizante» com as ideias acima referidas e confrontando a metodologia-teoria com a sua aplicação na prática, chegamos à seguinte conclusão:

O momento de «troca de experiências» não deixa espaço suficiente para as «histórias», sendo este momento parte do «programa vasto» que constitui uma reunião de descodificação, uma reunião em que se apresenta e analisa uma situação existencial. Só conseguimos devolver a situação codificada ao grupo percorrendo as etapas todas da descodificação.

Surgindo uma ou mais «histórias» ligadas ao desafio apresentado, a animadora tem de fazer uma opção entre manter a disciplina do processo de descodificação e deixar espaço para as «histórias»; entre investir mais no aspecto crítico-analítico e investir antes no aspecto hermenêutico. A vantagem da primeira hipótese é a de as participantes experimentarem um progresso, a de «terem aprendido coisas novas».

A desvantagem é óbvia: o próprio Paulo Freire também sublinha a importância que há em se poder falar da opressão que se vive.

Por isso, parece-nos extremamente importante distinguir metodologicamente este «espaço para contar histórias», não o entendendo como um desvio do método inicialmente escolhido.

Cabe à animadora ser «termómetro» do grupo, no sentido de medir se as «histórias» que vão surgindo funcionam como «desafio» ou se se trata de

mera «tagarelice», transmitindo às participantes um sentimento final de insatisfação.

Como conclusão, e no que se refere a grupos de mulheres, a experiência aponta a necessidade de mais de uma reunião para decodificar uma dada situação.

Em relação ao aspecto pragmático entre a metodologia proposta por Freire e a de Nijk é importante focar o seguinte: Nijk só indica o apoio na formulação de alternativas. O próprio agir já não faz parte do processo andragógico. Para Freire, a acção transformadora faz parte do processo, embora ele não tenha desenvolvido ideias sobre o «como». É optimista de mais pensar que «os oprimidos que se libertam» têm imediata e simultaneamente energia, tempo e capacidade para, sozinhos, se organizarem em acções colectivas.

4.1.2 CONSCIENTIZAÇÃO DE MULHERES OU O ACESSO A OUTRAS VERSÕES DAS HISTÓRIAS

Não é de mais voltar a sublinhar a importância de alguém ser capaz de contar a sua história.

Sem falar não é possível a expressão do vivido e sem esta expressão não é possível formular e agarrar as próprias intenções, olhá-las criticamente, agir de uma forma mais consciente.

A «história» contada num grupo transforma-se num «desafio», num «objecto» de análise para todos os «sujeitos» presentes. Assim como os outros «desafios» utilizados durante a decodificação, a história pode ser decodificada, o que permite aceder às versões mais críticas.

Isto foi de extrema importância nos meios em que o Projecto funcionou. Em meios muito «fechados», como vimos que as aldeias muitas vezes são, há em geral acesso a uma única versão (dominante) duma determinada história.

Exemplos deste tipo de histórias podem também ser encontrados na literatura e utilizados nos grupos como desafio, o que permite mais distância e mais possibilidade de objectivação do que as histórias das próprias participantes.

O exemplo seguinte tem como palavra-chave, ou «ponto de intersecção» de muitas histórias possíveis, a palavra «tarefa»:

Há muitas espécies de tarefas e cada pessoa tem que cumprir a sua tarefa. As tarefas dividem-se em duas espécies: as tarefas do homem e as tarefas da mulher. As tarefas do homem são aquelas da coragem, da força e do mando. Quer dizer: serem presidentes, generais, serem padres, soldados, caçadores, serem toureiros, serem futebolistas, juizes, etc., etc. (...)

Depois há as tarefas das mulheres, que acima de todas está a de ter filhos, guardá-los e tratá-los nas doenças, dar-lhes a educação em casa e o carinho; é também tarefa da mulher ser professora e mais coisas, tal como costureira, cabeleireira, criada, enfermeira. Há também mulheres médicas, engenheiras, advogadas, etc., mas o meu pai diz que é melhor a gente não se fiar nelas, que as mulheres foram feitas para a vida de casa, que é uma tarefa muito bonita e dá muito gosto ter tudo limpo e arrumado, para quando chegar o nosso marido ele poder descansar do

trabalho do dia que foi tanto, a fim de arranjar dinheiro para nos sustentar e aos filhos¹⁸.

Quando no meio em que se vive só se conhece uma versão da história, quer dizer, quando «o acesso ao reportório narrador de uma cultura» é limitado, a possibilidade de agir de uma forma diferente é praticamente nula. Não é por acaso que os «comportamentos alternativos» se encontram mais naqueles para quem «o mundo é uma aldeia» do que nas pessoas para quem a sua aldeia é o seu mundo. É evidente que os meios de comunicação social têm aqui uma grande responsabilidade. É evidente também que nos meios fechados há uma grande necessidade de programas de educação não formal que abram os horizontes e provoquem uma consciência mais crítica. Trata-se em muitos casos de uma necessidade objectiva, verificada por um observador externo ou por pessoas isoladas no meio.

Neste contexto, é de realçar o facto de todas as animadoras falarem nas críticas e nos preconceitos que se lhes deparam no meio, críticas que têm a sua origem na «repressão perfeita que não é sentida por quem a sofre».

Para problematizar esta situação utilizámos no Projecto um desafio baseado num livro editado pelas Éditions des Femmes, em Paris. Trata-se da história de uma menina elegante que não é cor-de-rosa como as outras meninas. Um dia ela sai da cerca onde se guardam as meninas, para ir brincar com os seus irmãos e primos, sujando-se na lama como eles, etc. Como reagem as outras meninas?

No primeiro dia com susto, no segundo com desaprovação, no terceiro com perplexidade, no quarto com inveja, no quinto dia, as mais corajosas começaram a sair da cerca, uma a uma.

Fosse sempre este o final! Infelizmente é impossível menosprezar a força das «histórias» ou da ideologia dominantes, sabendo que a ideologia tem mais força quando respeita, em certos limites, as necessidades e as opiniões das pessoas. Por isso, o agir de forma diferente não só mexe com opiniões, mas ameaça também necessidades. Necessidades como, por exemplo, a de ter alguém em casa que assuma todo o «trabalho invisível».

4.1.3 CONSCIENTIZAÇÃO DE RAPARIGAS: UM PROCESSO DE PEQUENOS PASSOS

Sendo o mesmo o seu objectivo fundamental (libertação/emancipação), a prática pedagógica com jovens tem muito em comum com a prática andragógica (educação de adultos). Há, porém, diferenças. A mais nítida é a possibilidade de uma identificação rápida da jovem participante com a animadora do processo (algo que não acontece numa interacção entre adultos).

Esta identificação leva muitas vezes a um mimetismo ao nível dos comportamentos, dos gostos e dos interesses, sendo todavia mais perigoso o mimetismo ao nível das novas versões das «histórias». Podem ser repetidas ideias novas sem que as raparigas realizem as suas implicações na prática. Assim, a nova versão de uma história, aparentemente mais crítica, corre o risco de ser simplesmente uma nova «história» imposta, da qual

não reconhecem verdadeiramente (ainda) as intenções. E, se a intenção não é apreendida, não pode levar a um agir outro.

Daí ser importante que o trabalho de grupo seja um processo de muitos pequenos passos, um processo baseado nos problemas reais das raparigas e com consequências realizáveis para o seu agir¹⁹.

4.2 UM AGIR OUTRO

A terminologia «acção transformadora» sugere, em primeira instância, uma acção visível. Ora nem todas as mudanças são visíveis, sobretudo quando se trata de mudanças na vida pessoal.

Na metodologia utilizada no Projecto, que se baseia na «pedagogia» de Paulo Freire, distinguimos, para além de acções colectivas, formas individuais de acção transformadora. Esta distinção é indispensável porque a opressão das mulheres se situa, em grande parte, na vida pessoal.

Talvez a palavra «agir» exprima melhor do que a palavra «acção» que o «sujeito» de acção transformadora pode também ser uma só pessoa. A reflexão em grupo, quer sobre problemas vividos individualmente, quer sobre o «agir outro» de cada uma, abre de novo a perspectiva de uma acção colectiva. A soma das mudanças pessoais permitirá um salto qualitativo na situação de todas as mulheres. Foram os movimentos de mulheres que chamaram a atenção para o facto de que «o pessoal é político» e de que a transformação pessoal é uma condição para a transformação da sociedade.

Falar das lutas e conquistas individuais gera muitas vezes uma grande solidariedade entre as mulheres, que se exprime no apoio mútuo em momentos difíceis.

Embora as transformações individuais sejam, em geral, mais difíceis e dolorosas do que as transformações realizadas por um colectivo, é um facto que a passagem da reflexão em grupo para uma iniciativa conjunta transformadora encontra muitas dificuldades. Dificuldades em termos materiais, em termos organizativos e em termos «políticos»: o quê, para quê e com que perspectivas. Nesta fase, os grupos precisam, em geral, de bastantes apoios exteriores.

4.3 LIBERTAÇÃO?

4.3.1 SOBRE A OPRESSÃO DAS MULHERES

Dado o espaço reduzido, reservado a esta comunicação e a grande possibilidade de acesso a estudos feitos sobre a opressão das mulheres, limitar-me-ei a pontificar o seguinte: a opressão das mulheres é um fenómeno social universal e tem sido analisado pelos movimentos de mulheres a partir dos conceitos de «patriarcado» e «capitalismo», considerados as causas fundamentais desta opressão. Chamo também a atenção para o conceito «industrialismo», ao qual não se tem dado a devida importância.

«Industrialismo» é «a posição ideológica subjacente ao tipo de desenvolvimento que existe no hemisfério norte, tanto em países capitalistas, como

¹⁹ Monika Savier e Carola Wildt, 1979, p. 192.

nos países ditos socialistas. Esta ideologia, que nos envolve a todos, alimenta-se de esquemas de dominação e de estratégias aparentemente orientadas para a satisfação das necessidades do homem, mas, de facto, conduzidas no sentido de o massificar cada vez mais e de o afastar dos centros de decisão política»²⁰.

4.3.2 LIBERTAÇÃO COMO «NORMA»

Dissemos que a prática andragógica (educação de adultos) e a prática pedagógica com jovens têm o mesmo objectivo: libertação ou emancipação²¹. «Libertação», todavia, não é um objectivo final. Por isso é importante situar melhor este conceito no conjunto de «normas» que orientam o trabalho pedagógico com jovens e adultos.

São normas:

1. A clareza do objectivo final: liberdade/autonomia no nosso caso das mulheres e raparigas participantes no Projecto;
2. O conhecimento da situação de partida: as «histórias» que determinam como devem viver as raparigas e as mulheres rurais no Norte do País. (Nota: o processo de conscientização só pode ter lugar quando partimos do que as próprias pessoas pensam da sua situação. Daí a importância da investigação temática e das «histórias»);
3. A definição clara de «o que fazer»: libertação/emancipação de todas as pessoas envolvidas no processo;
4. Definições sucessivas do «como fazer»: no nosso caso, sendo o instrumento conscientização, através da alfabetização, unidades de aprendizagem, organização de formas de apoio à infância, organização colectiva de produção, etc.

4.3.3 LIBERTAÇÃO E LIMITES NA REALIZAÇÃO INDIVIDUAL

Estamos a partir do princípio de que os leitores desta comunicação conhecem a psicologia humanista de Maslov e mais especificamente a sua «história», que tem como palavra-chave *self actualisation*, a realização máxima das potencialidades individuais. Segundo Nijk, Maslov espera do indivíduo o que só é possível para a espécie: a realização total do potencial humano:

Existe um tipo de romantismo, um heroísmo da individualidade que não aceita que o indivíduo tente realizar as suas possibilidades limitadas e determinadas historicamente (...) ²²

A tendência desta «egocultura» é em parte um fenómeno social devido a uma «privatização» crescente, mas é também «alimentada e legitimada por determinadas correntes científicas, nomeadamente a psicologia humanista»²³.

²⁰ Maria de Lourdes Pintasilgo, 1981, p. 63.

²¹ W. F. van Stegeren e J. L. Hazekamp, 1974, p. 22.

²² A. J. Nijk, 1978, p. 186.

²³ B. Van Steenberghe, 1983, p. 267.

É urgente «socializar» a necessidade de realização individual, situando-a na relação com os outros. A pessoa pode também ser reconhecida nas suas «pequenas ou grandes proezas», realizando alguma coisa com ou para outras pessoas, e não só trabalhando para a sua auto-realização ou, nos termos da metodologia utilizada no Projecto, para a sua própria libertação. Na avaliação do mérito que as acções colectivas no contexto do Projecto têm para a libertação das mulheres é importante não perder de vista esta perspectiva. Temos igualmente de ter em linha de conta quais os principais obstáculos à libertação das mulheres rurais para podermos perceber o significado dos seus esforços. Os principais obstáculos são uma sobrecarga de trabalho, a pressão e os preconceitos do meio e o acesso limitado ao «reportório narrador da cultura».

4.3.4 DO FEMINISMO AO MOVIMENTO DE MULHERES

O feminismo é um conjunto de valores e normas que critica o sistema de valores produzidos sobretudo pela sociedade patriarcal.

O feminismo é em primeiro lugar uma contracultura.

Para além de ser uma reacção contra a opressão das mulheres, é também uma reacção provocada por transformações sociais e descobertas científicas. Segundo Alain Touraine, o feminismo é um «conjunto de efeitos sociais e culturais provocados por transformações científicas e económicas» que devemos distinguir de «comportamentos aos quais se adequa o nome de movimento de mulheres»²⁴.

Sendo uma contracultura, o feminismo consiste, em primeiro lugar, numa reacção ao que existe, uma reacção contra ontem e hoje.

A expressão «movimento de mulheres» aponta para esforços que tentam construir um «amanhã», esforços que analisam a opressão das mulheres em termos «sociais». A libertação das mulheres situa-se no esforço global de transformação da sociedade e é impossível sem essa perspectiva:

Não há na realidade uma questão teórica no que diz respeito a prioridades; a luta das mulheres e o processo global na sociedade são dois aspectos da mesma frente²⁵.

4.3.5 LIBERTAÇÃO E TAREFAS TRADICIONALMENTE FEMININAS

A organização colectiva no Projecto passou-se à volta de tarefas tradicionalmente femininas: a educação dos filhos, a produção de alimentos, de bordados, de malhas e de rendas.

Será que isto não conduz ao reforço do *status quo*? Será que isto não conduz de novo as mulheres a um universo fechado?

Uma primeira condição para um processo de conscientização consiste em respeitar as necessidades e os temas em geral das pessoas. Responder às necessidades de aprendizagem e de organização não é — em si — uma garantia para a libertação. Uma segunda condição reside, portanto, na problematização. Porque é que são as mulheres quem toma conta das crianças? Porque é que são as mulheres responsáveis pela alimentação? Etc.

²⁴ Alain Touraine, 1980, p. 149.

²⁵ Maria de Lourdes Pintasilgo, 1984.

Com estes pontos de partida vão-se fazendo muitas «descobertas». Que lá onde estamos fracas podemos encontrar o nosso poder, transformando a nossa fraqueza numa força, que sem o «trabalho invisível» das mulheres a sociedade parava. Que o trabalho «artesanal» das mulheres tem muito valor e faz parte duma tradição cultural que se vai perdendo, que as mulheres estão, «pelo tipo de trabalho que vivem, no coração das forças potenciais capazes de transformar a ordem mundial».

A dimensão libertadora/emancipadora da organização em torno de tarefas femininas está no «mudar a vida»; no «conseguir ser senhora do que realmente me pertencia».

4.3.6 IANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL: REFORÇO DA COMUNIDADE LOCAL OU «TOMADA DE PODER»

As iniciativas desenvolvidas no Projecto deixam-se agrupar no que chamamos «animação sociocultural».

Qual é o resultado desta animação quando olhamos para as iniciativas colectivas organizadas pelas mulheres?

Das teorias sobre a «animação» distinguem-se duas correntes principais: uma, que tem como objectivo a emancipação/a libertação, a segunda visa actividades que reforçam a comunidade local²⁶.

A primeira corrente estimula a auto-organização de um grupo específico, o que implica desenvolvimento de poder. A segunda, a organização integral, evitando assim a formação de poder dum grupo determinado. Poder é, no sentido negativo, poder sobre os outros. Quando falamos aqui em poder, fazêmo-lo no sentido de poder para, de liderança para. «Significa uma consciência do objectivo e da direcção, significa capacidade de gerar energia à volta e no interior.»²⁷

Olhando para os objectivos do Projecto, verificamos que visam: a libertação, o desenvolvimento de capacidades pessoais, a preparação para acções colectivas, a organização das mulheres para a resolução de problemas locais e para a intervenção na vida do País. A primeira corrente de animação estimula a auto-organização de grupos de mulheres, mulheres que lideram acções que melhoram a sua própria situação e simultaneamente a da comunidade em que vivem, visto ser impossível desligar estes dois aspectos.

Em 1981, numa das reuniões das equipas coordenadoras do Projecto, da zona norte e da zona centro, analisámos a acção do Projecto a partir de três cenários:

CENÁRIO I	CENÁRIO II	CENÁRIO III
	<i>Modalidades de acção prioritária</i>	
Sensibilização de mulheres	Acção liderada por mulheres	Acção comunitária
	<i>Actores principais</i>	
Equipa do Projecto	Mulheres conscientizadas responsáveis	Mulheres com líderes locais
Mulheres de contacto	Equipa técnica do Projecto	
	<i>Metodologia</i>	
Processo de grupo	Metodologia adaptada mais <i>know how</i> mais técnica	Acontecimentos com impacte
	<i>Estruturas de apoio</i>	
Equipa do Projecto	Equipa técnica	Diversificada

²⁶ Wieteke Beemink, 1983, p. 44, e R. v. d. Veen, 1982, p. 99.

²⁷ Maria de Lourdes Pintasilgo, 1980, in Grail, 1980, p. 8.

Na primeira fase do Projecto, zona norte, mantivemo-nos no cenário I. A partir de 1979 entrámos em sete locais para o cenário II; continuando a sensibilização (cenário I) no contexto do cenário II. Na zona centro do Projecto foi dada mais ênfase ao cenário I, conduzindo em alguns locais ao cenário III.

É óbvio que se nos depara novamente um modelo abstracto, no qual a realidade nunca se deixa aprisionar.

Em geral, podemos dizer que o cenário II corresponde à corrente na animação visando acções colectivas cujo objectivo é a libertação das mulheres através da auto-organização de iniciativas que melhoram a sua própria situação na sociedade, enquanto o cenário III corresponde à segunda corrente na animação.

A nossa convicção pessoal inclina-nos, porém, para considerar como extremamente incorrecto deduzir que formas integrais de organização não permitem que as mulheres assumam liderança e poder. Se é urgente socializar a necessidade de realização individual, situando-a na relação com os outros (ver 4.3.3), é igualmente urgente a socialização de formas de liderança e de poder. O único problema que surge aqui é que, em organizações mistas, muitas vezes são os homens a assumirem a liderança, inclinando-se mais para o poder sobre, do que as mulheres.

Parece-nos incorrecto também afirmar que a libertação das mulheres só passa por formas de organização em função delas próprias. Fazer alguma coisa em função da comunidade satisfaz «a vontade de ser útil» e «o desejo de ser reconhecido nas suas capacidades de organização», como as mulheres que participaram na zona centro do Projecto o exprimiram na avaliação final.

O Projecto na zona norte desembocou numa organização autónoma, a Associação MAPA (Mulheres a Preparar o Amanhã). Isto não foi por acaso, foi o resultado da nossa convicção de que a auto-organização das mulheres era indispensável para continuar a procura de caminhos de libertação pessoal e colectiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- M. Isabel Barreno, M. Teresa Horta e Maria Velho da Costa, *Novas Cartas Portuguesas*, Lisboa, 1971; edição revista: Lisboa, 1979.
- Wieteke Beemink, *Het heden behoort ook mij toe*, Groninga, 1983.
- Graal, *Mudar a Vida*, n.º 6, Junho de 1978, Lisboa, 1978.
- Graal, *Mudar a Vida*, n.º 19, Julho/Agosto de 1979, Lisboa, 1979.
- Graal, *Relatório Final do Projecto de Animação Socio-Cultural com Mulheres do Meio Rural*, Coimbra, 1982.
- Graal, *Mudar a Vida*, n.º 45, Junho/Julho de 1983, Lisboa, 1983.
- Grail, *Women Building*, vol. I, n.º 3, Outubro de 1980, Porto, 1980.
- A. J. Nijk, *De mythe van de zelfontplooiing*, Meppel, 1978.
- Maria de Lourdes Pintasilgo, «Equality in political power», World Conference of Women, Copenhagen, 1980.
- Maria de Lourdes Pintasilgo, *Os Novos Feminismos*, Lisboa, 1981.
- Maria de Lourdes Pintasilgo, «Daring to be different», in Robin Morgan, *Sisterhood is global*, Nova Iorque, 1984.
- Monika Savier e Carola Wildt, *Mädchen zwischen Anpassung und Widerstand*, Munique, 1979.
- Bart van Steenberghe, *De post-materialistische maatschappij*, Amersfoort, 1983.
- W. F. van Stegeren e J. L. Hazekamp, «Andragologie en sociale pedagogiek», in *Tijdschrift voor agologie*, 1974/1.
- Alain Touraine, *L'Après-socialisme*, Paris, 1980.
- Teresa Vasconcelos, «Animação infantil em meio rural», in *Jornal da Educação*, Março de 1983.
- R. van der Veen, *Aktivering in opbouw- en vormingswerk*, Baarn, 1982.